Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Suplemento 17 Class.: Kayapó 03

Data: 08/59 Pg.: 11

O índio que eu vi em Mato Grosso

PADRE DANÇA A NOITE CAIABI

ATOR IMPROVISADO — SEGRÊDO A VISTA — CASTANHEIRA ATIRA NA HORA — RECEPÇÃO MACABRA — ÚLTIMO DIA DE VIDA — PENICILINA FAZ MILAGRE

A. J. ZATIAMARE

(16.º de uma série)

ATOR IMPROVISADO

O ator exclusivo do relatado aqui, última reportagem sôbre o índio Caiabi, é o jesuíta padre Evangelista. Austríaco de nascimento, dedica-se ao bem do índio Caiabi. A emoção de um último dia de vida!... Quando poderia viver muita vida, qualquer caráter desaparece nesta personalidade para dar lugar ao humano. Drama intenso, como o de Hans Staden ao contar com a própria carne assada, como o da missão protestante de Juruena, referida na IV reportagem desta série. Deixo a êle, homem despretencioso o relato que segue. Dispensa qualquer comentário. Vive, inesperadamente a vida num drama absoluto, definição do sertão!...

SEGRÊDO À VISTA

Ia visitar pela primeira vez as últimas aldeias do índio Caiabi. Passei um ano de trabalho, sem poder realizar o sonho. Afinal Capitão Sabino decide a viagem. Excursão rente ao limite do Estado de Mato Grosso com o Pará. Companhia só de índio. Canôa de casca, remo o dia inteiro. Parada só para caça e pesca. Mosquito a mais não poder. Sucuri na ordem do dia, giboia também. Onça para esporte. O homem é rei, arma só em caso extremo. O índio na solidão impressiona. Cresce até tornar-se sábio, herói. Não é para menos: sociedade humana a centenas de léguas do centro humano mais próximo...

Sabino anuncia: "Agora é andar"! Largo a casca. Entro na fila indiana. Vegetação densa: tipo amazônia perfeito. Paulama bruta, castanheira, cajueiro, jatobá, tudo pau linheiro. A cada passo o segrêdo escondido se abre. O Caiabi verdadeiro gosta da sombra do reino sepultado. Segrêdo a vista!...

CASTANHEIRA ATIRA NA HORA

FORMO de novo na fila indiana. De vez enquando Capitão Sabino diz alguma palavra. A certa altura diz: «Mostra seus santos!» Continuo a marcha... O índio leva fogo consigo em lata, em forma de braza. Difícil esfregar pau um no outro: é duro na umidade. Meu fósforo resolve melhor. Estou equipado com o *indispensável para o caminho na selva*. Indio não larga a flecha. Não largo o revólver. Tenho fama de ser bom atirador. Fama arranjada não sei onde, mas dizem...

De vez enquando uma caça. Desmanchamos a fila. Espalhamo-nos. Pegamos animal ou não pegamos. Fila formada novamente, batemos trilho.

De repente uma castanheira larga um ouriço de castanhas novas. Tiro certeiro. Caiabi levar na cabeça e cair sem sentido é uma e mesma coisa. Afastam-se. Voltam a ver, rodam, perdem a noção das coisas, desvairam. Corro ao «bucho», desato a correia, retiro a farmácia de emergência. Tesoura no couro cabeludo. Não atendem. Não compreendem. Dão o caso por perdido. Julgam-se não sei o que. Digo que vou dar um jeito, fazer o possível.

Recebêra dos benefícios de São Paulo bom material de socorro, bom remédio. Banho a cabeça do Caiabi em pomada de penicilina. Enfaixo com um pano. Mando os companheiros cortar varas. Travamos uma tarimba ou maca. Ótimo para o serviço. São, nenhum Caiabi ficaria em cima dela, mas aguenta bem.

Sensação extranha!... Cometera um sacrilégio. Fizera o possível para salvar um infeliz! Caiabi não entende. Julga-me um homem do outro mundo. Por quê? Por que tento salvar um acidentado. A castanheira é a rainha das árvores da Amazônia. Ouriço assim na cabeça, é caso de morte. O côco, pura pedra, pesa quilos... Caiabi pensa que sou mesmo o que chamam de «Malt» — homem santo, homem que fala com outro mundo, ser, metade desta e metade da outra vida. Se soubesse que sou igual a êle!... Não agradeço. Espantado, não fala mais comigo. Como que inconsciente o grupo carrega o ferido estendido na maca. O pano desfiaura o rosto do paciente. Impressiona. Não volta a si...

RECEPÇÃO MACABRA

Vou lançado na ponta da fila indiana. Ninguém conversa. Não querem saber mais de mim, condenado, segundo a lei Caiabi. Nunca experimentara ser feiticeiro de tribo. Têm me por um dêles. Talvez nenhum civilizado tenha ficado feiticeiro do Caiabi. Sofro esta sensação. Todo eu estou fora de lugar... Apontado como responsável pela morte do índio. Um doente, um homem acidentado é um ferido do outro mundo. A castanha não feriu, foi outro, "alguém" que não se sabe quem seja... Sou pagé, "tenho a vida nas minhas mãos"!

O caso de Anhanguera tem outro sentido. Impôs-se como dono de uma situação. Toma a dianteira. Provoca o índio, derrota o aborígene, como o derrotamos com o caminhão, espingarda, magicas, apresentação enfim, de um material inédito ao olho Caiabi. Minha ação atinge a mentalidade indígena em seu reduto. Sou vítima do Caiabi. Inédito!... Gostaria de saber de outro que tivesse idêntica situação para saber como agir. Sòzinho!... Nem a própria experiência me aproveita. Deus não me livra desta, e não tenho caminho para a vida. O Caiabi espera o impossível de mim. Quer o doente curado em dois tempos. Acredita em mim. Pagé improvisado...

Bato o trilho. Alarga-se: aldeia perto. Abre-se uma clareira, terreiro, ranchos... Em cada um dêles uma vara furando o teto acima. Na ponta da madeira, espetada, uma caveira humana!... Razão para os que contam façanhas do Caiabi... O calabi gosta da caveira balançando...

A castanheira atira na hora certa: deixe-me perplexo ante um futuro próximo indecifrável. Levam a maca para um ranchinho — o dos instrumentos sagrados. Mandam-me para outro rancho, à parte: incomunicável... Falta-me tudo. Vida nova. Deixam-me só. Nada de engorda: Fome dura. Espero figurar num espeto a gingar ao vento. Mêdo... Coragem a golfada... Tudo imprevisto... Não espero escapar da aldeia... Tudo desconhecido...

Ultimo dia de vida: Noite. Caiabi em peso me visita. Não sei o que acontece. Vozerio. Exige o medicado. Quer o índio são; comendo, bebendo, dançando, ativo... De nada vale o que digo. Não impressiona meu Caiabi misturado com português. Não tenho apelação. Exige. Acha que tenho a sorte do ferido na mão, quer que a solte e faça entrar no ferido... e logo!... De nada vale meu arrazoado. A explicação nem sai da bôca: morre.

Segundo dia de aldeia. Isolado como no primeiro. Nada de novo com o ferido. Êle largado, eu também. Espero não sei que coisa. Espero. Às vêzes desespero. A noite desce. Não sei que vai acontecer. A trirumor. Mais que ontem, hoje conta com o doente curado. Exige, ameaça. Suplício sem fim. «Não sei quantos quilos perco. Já perdi muito!» Num cárcere comunista não seria pior tratado. Em apuro. A paciência em apuro. A [illegible] mem. Hoje custa vencer. Amanhã não sei o que poderá fazer. Não pode lutar por muito tempo... Terceiro dia: como o primeiro. Noite mais fria. A febre me esfria mais ainda. Não há pior posição do que a do feiticeiro. Quase me matam à flechada. Não sei como estou vivo e não largaram flecha em cima de mim. Na boa aura sou como um demônio insuperável. Na amargura da alma, sou um peixe a mercê da flecha. Crime de possuir a vida e não a dar ao doente. Sabino propõe um último recurso: esperar mais um derradeiro dia. Já fez muito por mim. Agradeço. A tribo recolhe o arco e lança a flecha no molho.

Ninguém entra no castanhal Caiabi sem o impôsto da amargura. Acabarei no espeto de um cabana. Certo. Não há redenção. Não descanso. Nasce o dia da morte.

Pronto para dançar à noite Caiabi. Colar de dentes de macaco.

PENICILINA FAZ MILAGRE

NINGUÉM gosta de morrer, assim na injustiça. A cama da injustiça, mesmo fictícia, tortura. Meses de viagem sertaneja. Fome, miséria. Não controlo as reações da natureza. Qualquer coisa virá em vertigem louca... O pior inferno do bem é o heroísmo... Parece-me ouvir sempre: Se ainda fosse herói... duvido que seja... demônio que tom a saúde na mão e assassina o rei da selva!...

Aparece o índio ferido com enorme cicatriz. Parecia coisa de todos. "Comer, beber, dá para mim!" Tudo [illegible] Caiabi [illegible] por [illegible] ho-to. A aldeia para, fulminada. Aflui para o índio. Tudo é pergunta, mão na cicatriz. Sãol... Penicilina faz milagre. Agora sou homem de bem. O benfeitor de São Paulo soube do quanto me vale a penicilina!... O índio cai a meus pés, faz tudo o que quero... Descanso precàriamente: Inflação sentimental!...

O PADRE DANÇA A NOITE CAIABI

ALEGRIA louca. Movimento. Caiabi prepara festa. O dia desaparece feito foguete interplanetário. Não o vejo. Noite! Sonho acordado. Nada enxergo e vejo tudo. Estou com os olhos do dia... Começa a dança. "Padre, agora, dança!" Vejo-me posto naquele bate-pé. Não danço, adeus Caiabi! Danço, a tribo é minha. Danço! Nada de chumbados! Cada um por si e Deus por todos. Dançamos fazendo figuras no chão. Vai e vem, voltas. De vez em quando o monótono gingar de corpo para. Comes e bebes. Um trago de bebida fermentada: Milho, mandioca. Trazem mutap de mandioca. Dança a valer. Três horas de tortura. Meia-noite. Aproveito uma interrupção de socos na terra, para procurar rêde. Dois corpulentos mastodontes não me deixam descansar. Mandam-me para o meio do terreiro a continuar a dança. Volto ao bate-pé.

Madrugada. Continua a dança. Não sinto mais as pernas. Tenho a sensação de dar com o joelho direito diretamente no chão. Tudo dores. A dança não termina com o raiar do sol. ~~A morte foge sem deixar rastos.~~ Mas o Caiabi é meu!...

FLUIDO MAGNETICO

(Continuação da 12.ª página)

mapa, descobriu os rastos de um preso que fugira do cárcere. Após o episódio num jornal da cidade, chamaram-no de «feiticeiro de Lecce».

«Sou um curandeiro e não um feiticeiro. Nunca prometi milagres aos meus pacientes, nunca vaticinei o futuro olhando dentro de um balão de vidro. Só lamento ter perdido tantos anos com a matepsiquica, antes de descobrir que tenho um fluido nas mãos.

Andalini de fato soube dêste seu poder por acaso em 1934. Alguns amigos levaram para a sua casa um jovem epiléptico que os médicos tinham julgado incurável.

«Não sabia o que fazer — explica Andalini — e portanto fiz uma prova: tomei as suas mãos e apertando-as e fitando-o nos olhos lhe disse: sara. Parece ridículo, mas eu mesmo fiquei admirado quando após algumas consultas êle sarou de verdade. Poderia dizer seu nome. Vive em Nápoles, está curado e tem filho. Não sofre mais de nenhum distúrbio».

Nem mesmo após a descoberta das suas virtudes taumatúrgicas, Andalini iniciou a carreira de curandeiro. Só o fez há dez anos pelo conselho de um médico. Ceticismo, denúncias, desconfianças não lhe faltaram ao início.

Foi denunciado como «trapaceiro» e «charlatão», como «empírico» e «feiticeiro», como indivíduo que se gabava por ter poderes magnéticos».

Mas no tribunal os juízes absolveram-no sempre, porque o fato não constitui crime. Êle curou muitas pessoas, é verdade, mas sempre sob a direção da ciência oficial. Nunca prescreveu remédios, nunca tocou as partes doentes dos pacientes. Os médicos fazem sem [illegible] se submete ao fluido de [illegible] uma declaração [illegible] tenente coronel [illegible] em seu favor. De fato [illegible] mente ordenando-lhe [illegible] e os seus reumatismos [illegible] Curou muitos gratuitamente, na sua vida [illegible] vezes o dinheiro para comprar um bife. Pois apesar [illegible] reconhece com candura [illegible] Sabino [illegible] por [illegible] ho-